

Possibilidades do Intercultural na narrativa de Blade Runner

Mestranda Gabriela Barbosa de Souto¹ (UEPB)

Resumo:

Pensando que a interculturalidade se dá no enfrentamento e na conectividade entre grupos distintos quando estes interagem por meio de relações de trocas, acreditamos ser possível dialogar tal conceito às narrativas do filme Blade Runner (Ridley Scott, 1982) e da obra literária que o originou, O Caçador de Androides (Philip K. Dick, 1968). Neste local de confronto de identidades, suscitaremos a discussão a partir do entre-lugar, corroborando a ideia de que é em momentos de crise, tal qual se apresenta nas narrativas, que existe a necessidade de restabelecer fronteiras e de uma reestruturação cultural no campo da formação das subjetividades presentes e na formulação das personagens. Assim, propomos destacar a confrontação entre humanos e androides e suas buscas por uma identidade, pensadas a partir das relações de alteridade. Para tanto, faremos uso de autores como Homi Bhabha, Nestor Garcia Canclini, Tzvetan Todorov, entre outros.

Palavras-chave: palavra interculturalidade, entre-lugar, identidade, Blade Runner.

Introdução

A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas -, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de um outro dia.

Michel de Certeau

Como meio para discutir a interculturalidade e multiculturalidade, nos foi proposto, através de alguns teóricos instigantes (a exemplo de Canclini e Glissant), fazer um diálogo entre a teoria e o nosso objeto de pesquisa, no caso a obra *O caçador de androide* e o filme *Blade Runner*. Antes de apresentar nosso objeto de pesquisa, precisamos nos debruçar sobre como esses conceitos acima citados foram apresentados e discutidos no decorrer da disciplina *Dialogismo e Filosofia do Intercultural* [1].

Para podermos falar das questões de *interculturalidade*, precisamos antes trazer uma breve explanação sobre a cultura. Muito explorada, a priori, no campo da antropologia, a cultura vem passando por reformulações conceituais. Durante muito tempo foi adotada a ideia sobre *cultura* concebida por Edward Tylor, antropólogo britânico filiado à escola do evolucionismo social, na qual a cultura é o todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem, tendo em conta que este participa de uma sociedade.

Para Tylor, sua descrição de *cultura* tinha a vantagem de ser uma palavra neutra, em comparação com a *civilização*, pela qual se poderia pensar toda a humanidade, tentando conciliar a evolução da cultura e sua universalidade, sendo esta uma das características marcantes para a escola evolucionista. Ao contrário desta perspectiva ampla, que almejava uma lei geral pela qual se poderia usar uma lente única para enxergar todas as culturas, temos, com Franz Boas, uma mudança

significativa. Boas inaugura o conceito de *culturas* através do qual o viés seria o particularismo histórico - em vez de acreditar que as culturas seguiram um mesmo caminho e que a diferença entre elas seriam os estágios evolucionistas em que se encontrariam, o antropólogo alemão considerava cada cultura como uma, filha de seu desenvolvimento histórico particular, independente dos determinismos geográficos e biológicos, e dinâmica por estar sempre relacionada na interação entre indivíduos e sociedades. Assim podemos perceber que, para Boas,

a Cultura consistia de incontáveis linhas de costura afrouxadas, de origens indeterminadas (originada em regiões distintas), mas que estavam entrelaçadas entre si para ajustar-se em um novo contexto cultural. A partir deste pensamento ele defendia que elementos distintos de diversas culturas passariam a estar interrelacionados com o passar do tempo. (ALENCAR JUNIOR, 2009)

Tylor nos permite pensar a cultura enquanto tudo aquilo que o homem faz enquanto indivíduo em uma sociedade, Boas nos faz fugir de um possível determinismo ao nos levar a pensar nas particularidades dessas sociedades e homens. É chegado o momento de introduzir o conceito de Geertz para cultura. Geertz trouxe uma importante contribuição para a antropologia do século XX, assim como para outras áreas, a exemplo da história e teoria literária. Assim como Boas, Geertz também fala de culturas, no plural, sendo a condição de existência dos seres humanos, produto de suas ações no longo processo no qual os mesmos dão significado a elas.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados. (GEERTZ, 1978, p.15)

Ao trazer essa ideia de semiótica, enxergando as culturas como teias, refere-se a cultura como um agrupamento de sistemas, que permite interpretar os vários aspectos e significados que a compõe, sejam os mitos, as artes, escritas, religiões, hábitos e até o próprio homem, ressaltando sempre a interação do homem enquanto tal e como parte de uma sociedade e cultura.

Partindo desse princípio de *cultura no plural*, acredito ser importante abordar a obra homônima de Michel de Certeau (2008), onde o mesmo afirma que qualquer cultura precisa de uma atividade, uma forma de apropriação, um intercâmbio em dado grupo social. Ao propor uma *sociologia da cultura*, Certeau almeja compreendê-la não como uma unidade, mas sim em suas multiplicidades ao questionar seus *meios de produção e circulação*.

Isto posto, podemos partir para Néstor Canclini em *Teorias da Interculturalidade e Fracassos Políticos* [2]. Realizamos aqui parte de um movimento semelhante ao que ele fez ao trazer chaves distintas para possibilidades de leitura da cultura. O que tem ficado notório ao longo dos últimos anos é que uma das chaves mais exploradas tem sido a da *diferença*. Tal chave está intrinsecamente ligada com a relação do eu e do outro, uma vez que já foi aceita a diversidade de culturas existentes.

Sob essa perspectiva, encontramos em Canclini duas definições interessantes para pensar essa pluralidade: multiculturalidade e interculturalidade. Por multiculturalidade entende-se justamente a “diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação.” (CANCLINI, 2009, pg. 17). Por sua vez, a interculturalidade se remeteria “à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas.” (Idem). Retomando os termos de Certeau, essas duas terminologias implicariam em dois *modos de produção social*: a primeira, a admissão do heterogêneo; a segunda, a reciprocidade da relação desse heterogêneo.

Destacando o fator político, Canclini agrupa as teorias da interculturalidade em três tendências: a) anglo-saxã – focada na comunicação intercultural, interpessoal; b) europeia – associada ao antigo colonialismo, aculturação (ou ainda mestiçagem, nos termos de Edouard Glissant [3]); c) latino americana – voltada para a diversidade étnica. O autor aqui propõe uma ampliação

desses horizontes teóricos, já que percebe-se o aumento nas tensões sociais, resultando daí sua defesa por problematizar a *interculturalidade* a partir de uma interdisciplinaridade (capaz de fazer entender a “interação como desigualdade, conexão/desconexão, inclusão/exclusão” (CANCLINI, 2009, pg. 25)) para não se restringir o campo de discussão às três teorias acima citadas.

Tão logo, o *inter* torna-se decisivo para debater o *intercultural*, que é o espaço do heterogêneo. Daí a necessidade de adotar uma chave negativa para a pesquisa, logo, um pensamento crítico que seria assumir “o lugar da carência” (Idem, pg. 31).

***Blade Runner* intercultural**

Munidos desses conceitos de Canclini, procuramos fazer aqui o exercício de aplicabilidade da teoria na prática. Sendo assim, vamos apresentar o nosso objeto. O filme *Blade Runner*, produzido como uma adaptação livre da novela *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (*Andróides sonham com ovelhas elétricas?*), de autoria de Philip K. Dick, nos mostra um futuro não tão distante, onde a Terra encontra-se num momento posterior à *Guerra Mundial Terminal* e foi coberta por uma poeira radioativa que teria forçado os humanos saudáveis a criarem colônias em outros planetas e migrarem para lá. A mesma poeira extinguiu várias espécies de animais, tornando-os objeto de desejo e status social entre os homens.

Neste cenário, os replicantes (que doravante chamaremos de andróides) tornam-se alternativas de companhia e força de trabalho para exploração das colônias, não sendo autorizados a permanecer na Terra, onde não exerceriam tal funcionalidade. A existência de caçadores de andróides em Los Angeles e em outras cidades denuncia a burla à lei, especialmente quando há o desenvolvimento de andróides cada vez mais inteligentes e difíceis de serem identificados enquanto não-humanos, a exemplo do modelo mais recente lançado pela *Tyrell Corporation*, o Nexus-6.

A existência de um lugar à beira do caos, de uma sociedade em crise e do interesse de grandes corporações em prosperar exponencialmente são pontos em comum com as narrativas literária e fílmica. Obras como as de Philip K. Dick foram retomadas, especialmente pelos autores do *cyberpunk* na década de 80, graças à atualidade das temáticas abordadas, a exemplo do conflito identitário entre humanos e andróides, o avanço tecnológico e seu uso pelo Estado, a (im)possibilidade da imortalidade, entre outros, perceptíveis no filme *Blade Runner* (construído sob a óptica *cyberpunk*). A narrativa da película, assim como a do livro, pela sua visão distópica[4] de futuro, representa a crise da modernidade que advém junto com as novas tecnologias que, paradoxalmente, possibilitaram a melhoria no bem estar do homem.

Pensando nos termos da interculturalidade já abordados aqui, podemos tecer algumas considerações relevantes acerca da narrativa de *Blade Runner*. Por exemplo, ao observarmos a cidade de Los Angeles de 2019, conforme apresentada no filme, percebemos que ela está vivendo o ápice da crise da modernidade. A relação entre colônia e Terra é permeada por uma rede de interesses, onde se tem um papel inverso ao que costuma ocorrer em processos de colonização: aqui o colonizador explora os recursos que restaram para levá-los para seu novo território. Como afirma Gil (2008), são em momentos de crise temos instâncias de efetiva indiferenciação, que exigem o reestabelecimento das fronteiras como método para a reestruturação cultural dos grupos.

Daí o ambiente retratado em *Blade Runner* ser tão significativo, pois dentre as pessoas que permaneceram na Terra, existe um agrupamento de várias culturas onde antes eram as metrópoles. Uma das imagens mais significativas poderia ser o bairro chinês, que acaba retratando essas diferenças entre origens e hábitos. Como afirma Certeau (2008), a cultura oscila entre permanências e invenções, e nesse lugar encontramos exatamente esse quadro. Ao mesmo tempo em que aqueles que ficaram, o fizeram somente por não pertencerem ao grupo idealizado de humanos colonizadores, lidam com avanços tecnológicos impressionantes que permitem a recriação de animais (os animais elétricos) e o desenvolvimento de andróides, criaturas fabricadas com o intuito de explorar e trabalhar nas colônias[5].

Ainda segundo Gil, a

urbe apresenta-se, afinal, como espaço privilegiado de colisão e negociação, onde a crise da identidade se exprime, quer devido à insuficiência econômica, à baixa escolarização e à marginalização social, quer porque os traços culturais, as tradições e valores da minoria, entram em conflito não só com a cultura hegemônica circundante como com os outros grupos minoritários com quem partilham o espaço.(GIL, 2008, p.34).

As grandes corporações confrontadas no *cyberpunk* aparecem aqui com a presença da *Tyrell Corporation*, uma das maiores montadoras de andróides que ao avançar tecnologicamente se torna capaz de implantar nos Nexus-6 a memória humana. Em seu projeto visionário, Tyrell nos dá margem para analisar a construção das identidades dos personagens, com especial atenção para relação homem-andróide.

[...] o projeto de seres “mais humanos do que os humanos”, perseguido por Tyrell, não aponta para a transvaloração realizada pelo além-homem. Na medida em que pretende criar humanos aperfeiçoados, não se liberta do Modelo e seus valores, mas apenas os leva à potência máxima. Neste sentido, julgo que somente a ruptura com a noção humana de inteligência aplicada aos andróides – como a simbolicamente realizada por Roy – possui poder para criar o radicalmente Outro, o inumano, e não apenas reproduzir nossa consciência, eminentemente reativa e não-criadora.(MATTOS, 2009, p. 75).

Os androides tem como característica a ambiguidade, são o simulacro superior em força e inteligência a boa parcela da humanidade. Neste caso, a máquina, ao interagir com a natureza, torna-se um objeto cultural ativo (Mattos, 2009). A existência dos androides neste futuro distópico evidencia a crise do pensamento humanista, recorrente na ficção científica. As barreiras da existência humana atenuam-se em presença de um outro híbrido, cabendo ao androide “transgredir essas fronteiras, pois é de sua própria natureza questionar os dualismos, além de legitimar a afirmação de que não existe mais um corpo, nem natureza, como fora apresentado pelo Iluminismo”. (PUHL e AMARAL, 2004, P.5).

Como, então, poderíamos pensar no intercultural e no multicultural em *Blade Runner*? Ora, se encaramos a princípio apenas a relação de alteridade entre os homens que permaneceram, podemos considerar uma relação multicultural, uma vez que o ambiente caótico reforça as diferenças entre grupos. Ao mesmo tempo em que temos chineses trabalhando no restaurante no qual Deckard vai fazer uma refeição antes de voltar à ativa, temos um outro chinês trabalhando na complexa recriação de olhos iguais aos humanos para serem implantados nos androides Nexus-6. Essas duas imagens reforçam o estereótipo que o ocidente tem dos asiáticos como um todo.

A segregação, igualmente característica da multiculturalidade se dá também entre aqueles que tem animais elétricos e os que não tem. Como foi mencionado, a extinção de animais gerou uma necessidade coletiva que foi parcialmente resolvida com os animais-máquinas, mesmo assim, não eram todos que poderiam ter acesso a eles. Na obra literária, o detetive Deckard consegue uma ovelha elétrica que não o satisfaz por não ser dos melhores modelos. Em contrapartida, no filme, Deckard não possui animais, mas mostra-se, em mais de uma cena, fascinado com os exemplares recriados.

Já na relação de alteridade entre homens e androides, encontramos indícios de multiculturalidade e interculturalidade. A alteridade é aqui compreendida como o reconhecimento do outro em si, como afirma Todorov: “Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo, eu é um outro. Mas cada um dos outros é um também, sujeito como eu.” (TODOROV, 1982, p. 2). Ao mesmo tempo em que há um estranhamento desse simulacro com o original, o original, através de Deckard, reconhece nos androides traços de humanidade, traços de si.

Em *Blade Runner*, os humanos lidam bem com a existência e fabricação de androides, que não ocupam a Terra, com exceção de um grupo de Nexus-6 que volta a Terra com o propósito de conseguir mais tempo de vida. Por “lidam bem” entendemos a admissão dessa existência, mas a relação entre ambos é de propriedade, e quando isso é extrapolado por parte dos androides, eles são

“aposentados”. Nesse aspecto, acreditamos que a relação aqui é de multiculturalidade aos moldes já abordados.

Não obstante, percebemos que essa Los Angeles apresentada em *Blade Runner* pode ser encarado como um entre-lugar. Bhabha, em *O local da cultura*, nos diz que esse entre-lugar seriam “momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais.” (BHABHA, 1998, p.20). Nesse espaço de entre-meio, estaria em destaque a performatividade das diferenças identitárias, onde as fronteiras desse eu e outro seriam constantemente retraçadas, criando assim um espaço intervalar.

Conclusão

Como falamos, a interculturalidade seria o confronto do eu e do outro, com certa reciprocidade nessa relação de trocas. Tomemos como exemplo o confronto criatura-criador no encontro de Roy, líder do grupo de androides fugitivos, e Tyrell, incapaz de lhe ceder mais anos de vida. O mesmo Roy aparece como uma figura humanizada, em seu desejo de viver diante da consciência de seu limite de tempo, revelando aí resquícios não só da memória implantada, como da própria observação e convívio com humanos. Uma relação oposta seria a de Deckard quando aparece como uma figura maquinizada quando volta a “aposentar” os androides, ao mesmo tempo em que desenvolve uma relação de intimidade com a androide Rachel, implicando aí nessa troca entre os diferentes.

Ao longo das narrativas, percebemos a constante luta entre os diferentes, principalmente entre homens e androides, e corroboramos a ideia de Certeau quando este diz que “a cultura no plural exige incessantemente uma luta” (CERTEAU, 2008, pg. 242). Através da interculturalidade, tal qual definida por Canclini, acreditamos que Gil está correta quando diz que a interculturalidade “apresenta-se como estratégia plural, reflectindo-se nas práticas simbólicas, na interação intermediática, nas formas de sociabilidade, no exercício da cidadania, nos padrões de consumo, no acesso às tecnologias, nas formas de cuidado e de acção ética.” (GIL, 2008, p.31).

Dessa forma, acreditamos enveredar por um caminho frutífero ao trazer a discussão da interculturalidade para o ambiente de *Blade Runner*. Apesar da obra literária e do filme terem desfechos distintos, ambos nos fornecem elementos para compreender as possibilidades do diferente, desigual e desconectado com relação à produção de sociabilidades, seja pelo viés político, econômico ou ainda identitário.

Referências Bibliográficas

- 1] Disciplina obrigatória ofertada na componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba.
- 2] Texto introdutório do livro “Diferentes, desiguais e desconectados” (2009).
- 3] Para Glissant, a mestiçagem é um termo negativo, uma vez que implica em reduzir o outro a um. Ao contrário da criouliização, que é um tipo de mestiçagem na qual esse outro permanece enquanto tal, sem ser reduzido ou submetido a outrem, com possibilidades infinitas e ilimitadas de interações. (Ver mais em seu livro *Introdução à uma poética da diversidade* (2005)).
- 4] Entendemos por distopia a procura pela continuidade do processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas que operam no presente e que, se não forem paradas, podem produzir uma sociedade perversa. (BERRIEL, 2006). Dentro da ficção científica essa sociedade caótica e sem esperança de dias melhores vive sobre uma acessibilidade tecnológica que proporciona o bem estar da mesma forma que aprofunda a distinção entre classes, seja econômica ou politicamente falando, o que nos faria refletir se nossa sociedade atual corre os riscos apontados em *Blade Runner*.

- 5] Os autômatos são vivenciados como o estranho e familiar concomitantemente, pois ainda que sejam frutos da criação humana, são considerados misteriosos e de difícil compreensão. Por serem máquinas, sua inteligência difere da humana, e a diferença cria a relação de temor de que o mundo fosse dominado pelas máquinas. Ao criarem andróides para substituírem as funções humanas, conferindo-lhes a ideia de escravidão, subordinam os mesmos à vontade dos homens. O homem, de criatura, passa a ser criador (correspondente à relação entre Tyrell e Roy). (MATTOS, 2009).
- 6] ALENCAR JUNIOR, Moacir Pereira. O nascimento da antropologia americana e o difusionismo: “Franz Boas como protagonista”. Disponível em <<http://moaciralencarjunior.wordpress.com/2009/06/18/o-nascimento-da-antropologia-americana-e-o-difusionismo-%E2%80%9Cfranz-boas-como-protagonista-%E2%80%9D/>> Acesso em 13 AGO 2012.
- 7] BHABHA, H. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- 8] BERRIEL, Carlos Eduardo . Utopie, dystopie et histoire. *Morus* (UNICAMP), v. 3, p. 95-100, 2006. Disponível em < http://www.unicamp.br/~berriel/ arquivos/berriel_prod_3.pdf > Acesso em 15 AGO 2012
- 9] CANCLINI, Nestor-Garcia. Teorias da interculturalidade e fracassos políticos. In: **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, p. 15-33.
- 10] _____. Diferentes, desiguais e desconectados. In: **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, p. 55-69.
- 11] CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução: Enid Abreu Dobránszky – Campinas, SP: Papyrus, 5ª Ed., 2008.
- 12] DICK, Philip K. **O caçador de andróides**.
- 13] GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1978.
- 14] GIL, Isabel Capelo. As interculturalidades da multiculturalidade. In: **Portugal: percursos de interculturalidade**. Coord. Artur Teodoro de Matos, Mario Ferreira Lages – 4 v.: Desafios à Identidade/ Isabel Capelo Gil ... [et. AL.] Lisboa: 2008, p. 30-48.
- 15] GLISSANT, Édouard. O caos-mundo: por uma estética da relação. In: **Introdução à uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, p. 97-127.
- 16] MATTOS, Marília. *Blade Runner e o elogio do simulacro*. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 3 (2), p.p. 72-86, 2009. Disponível em < http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n04/pdf/marilia_mattos.pdf> Acesso em 15 AGO 2012.
- 17] PUHL, P., AMARAL, A. *O feminino na tecnologia: uma proposta de leitura dos andróides de Blade Runner a partir de Donna Haraway*. In: **Sessões do imaginário**, Porto Alegre, v. 12, p. 43-50, 2004. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/puhl-paula-amaral-adriana-feminino-na-tecnologia.pdf> > Acesso em 15 AGO 2012
- 18] TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América – A questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- 19] Filme: *Blade Runner – o caçador de andróides*. Ridley Scott (1982).

Gabriela Barbosa de SOUTO, Mestranda

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade

E-mail: gabiamykika@gmail.com